



Os ditos da semana



E' moda o calote A ultima moda para chapeus de senhora é o *calotte*. Quem quizer andar á moda tem pregar um *calotte* na cabeça e, podendo ser, prega lo tambem na loja de modas que vende os chapeus. Fica barato e é podre de chic.

O chapeu que se paga, é um chapeu sem encantos, um chapeu Pires, um chapeu Soisa da R. dos Fanqueiros. Chapeu com graça é só o chapeu de graça que, simultaneamente, faz rir a mulher que o uza e faz chorar o homem que julgou te-lo vendido.

A's 5 horas da tarde, o Chiodo será daqui por deante um verdadeiro mar de calotes. Cada cabeça, cada *calotte* e ás vezes dois calotes na mesma cabeça, numa evidente infracção ao decreto do sr. ministro das Finanças que proibe as acumulações.

E o mais curioso é que, mesmo as senhoras chics, as mais ricas e as de contas mais certas, para andarem na moda, terão de andar sempre debaixo dum *calotte*.

E mesmo que os maridos paguem as contas, mesmo que eles se arruinem em chapeus da moda para as caras metades (e bem caras) elas não deixarão de uzar o *calotte* como norma.

E' moda o *calotte*. Quanto menos dinheiro tiver uma pessoa, mais á moda pode andar.

Chapeu da moda não se paga, porque, se se paga, deixa de ser *calotte* e se deixa de ser *calotte*, deixa de estar na moda.

O poder da logica...

De cima do coqueiro Jaime Franco, brasileiro de nascença, tal qual como um papagaio que nós temos, com a diferença apenas de que o papagaio sabe que é estúpido e não escreve livros, visitou Portugal e fez um livro dizendo mal do que viu.

Houve portuguezes que se indignaram sem razão. Jaime Franco não teve o proposito de nos maguar. Jaime Franco foi apenas victima dum erro de visão. Acostumado a andar por cima de coqueiros, assim que chegou a Portugal, trepou para cima das arvores e de lá observou Portugal. De tão alto não podia ter visto coisa com geito e aconteceu-lhe o mesmo que á Princeza Rattazi, no seu «Portugal á vol d'oiseau» — titulo

que Camilo tão genialmente traduziu.

Venha Jaime Franco a Portugal, perca o medo á especie humana, uze *rack* para encobrir o simiesco apendice com que enxota as moscas da lombeira, apresente-se nos centros onde ha gente que não come miolo de coco, e faça depois um livro para ser lido cá e lá como desopilante gramatical.

Se Pedro Alvares Cabral soubesse que tinha descoberto um bicho destes, talvez tivesse guardado segredo eterno do seu descobrimento.

Mas, basta, que nós diremos como disse algures o sr. dr. Brito Camacho: Não bateremos mais no maroto, porque não sabemos até que ponto somos culpados dele ter vindo ao mundo.

Armando Baptista O baritono Armando Baptista dá um grande concerto no Salão Nobre do Conservatorio no proximo dia 25. O programa é esco.hido e va-

riado, com a colaboração dos mais cultos e illustres artistas do teatro português. Tem atractivos para chamar grande concorrencia. Deve dar bom dinheiro e ninguem terá dó do baritono. O programa começa pela *Parabase dos Passaros*. E' modestia de mais. Aquilo é festa para base dos passaros e até para base de vida.

Está em Lisboa o Bicharôco O *Diario das Noticias* publicava, na semana passada, o seguinte:

BICHAROCO

Estou em Lisboa. Escreve ou telefona hotel que sabes. — J.

Estranho bicharôco! Um bicharôco que bota anuncio nas folhas, um bicharôco que sabe ler e escrever, que se hospeda num hotel e fala ao telefone, se não é pulga, barata ou percevejo, é com certeza o bicharôco do amor.

especie de microbio que corroe os corações e resiste aos pós Keating.

Do que não resta duvida, é de que o bicharôco está em Lisboa, porque ele proprio o confessa. Está, mas não se vê; é um bicharôco viajando incognito, como o seu colega percevejo que se esconde em todas as gretas que apanha e que a gente só dá por ele quando pica.

Mas onde se terá ele metido? Que misterioso hotel será aquele de que fala o anuncio?

A policia sanitaria tem obrigação de percorrer os hoteis da capital em cata do bicharôco e de devolve-lo á terra da sua naturalidade, ou de entrega-lo á dona, no caso dela não ter lido o anuncio do *Noticias*, porque de uma coisa tem o *Sempre Fixe* a certeza—é de que o bicharôco veiu de fóra. E nós cá dentro, já temos bicharôcos a mais.

Estrangeiros aos milhões Lisboa vae ser invadida por milhões de estrangeiros que põem aqui um pé para dar um salto ali a Sevilha. Estamos todos empenhados em que eles venham, mas já andamos atrapalhados sem saber onde os havemos de meter.

Posto, que trazem libras, pesos, dollars e outras moedas esquisitas, todos nós temos obrigação de os meter no coração—coisa que nada custa ao portuguezinho valente, cujo coração é sempre uma hospedaria para pouca permanencia, mas resta saber se á exigencia da civilização americana bastará uma instalação tão acanhada, sem telefone, sem casa de banho, sem boca de incendios e sem relógio de parede.

Não está certo que se convide alguém para nossa casa, quando se faz tenção de o mandar dormir na casa do cão. Não está certo. E, porque não está certo é preciso dar-lhe remedio, arranjando alojamento aos forasteiros, além dum compartimento no nosso coração.

O *Sempre Fixe*, que tem ideias para tudo, tem-nas tambem nesta emergencia e não leva nada por elas. O *Sempre Fixe* opina que se instalem os nossos hospedes no Palacio de S. Bento, que já está acostumado a inquilinos de pouca permanencia.

NO VARIEDADES



—Eva Está... chi... no estado em que veiu ao mundo no Paraiso

Sobre literatura



—Os autores portugueses não me interessam, o unico que leio é o Eça de Queiroz, mas na traducção hespanhola.

Charadas em fraze

No teatro, a asneira levantou tanta celeuma; não sei para que se trabalhou no Coliseu. — 4-3.

Decifração: Companhia Fiasco.

Esta afirmação no padre cedilhado é o martirio do Valença. — 1-2.

Decifração: Simçura.

A consoante no ponto do atirador está junto da arvore ali no teatro. — 2-2.

Decifração: Alvo Preta.

Repare no salão de entrada, atravesse-o na nota e dê-lhe certa coisa de que se fazem sapatos: verá um jornalista. — 1-2-1-2.

Decifração: Halfredo Traça.

As feridas de Cristo são indispensaveis naquilo com que se joga com bolas para o escritor. — 2-3.

Decifração: Xagas Raquette.

Depois do som duma estalada, ainda por cima um insulto na rua. — 1-2.

Decifração: Rua da Pimpulha.

A virgem lá no alto pôs-se a cavar da artista de talento.

Decifração: Maria do Céu Foge.

E' do céu e anda mesmo feita de metal a actriz. — 3-2.

Decifração: Cileste Latão.

Aproxima-te daqui, tu, ó homem da rua. — 1-1-1-2.

Decifração: Rua Vemtucltu Julio.

Certo acido que põe á brocha muita gente anda a fazer serviço de limpeza no mar para o empresario. — 3-2.

Decifração: Urlico Draga.

Na afirmação tira a consoante ao pronome e verás como ele marca. — 1-2.

Decifração: Simnete.

Os passaros e o ruido de bater á porta dão um grande apardais. — 2-1.

Decifração: Abestrus.

Riso amarelo

O peão e a automovel

«Diz-me o que pensas da viação e dir-te-hei se andas a pé ou de automovel.»

Para o peão não ha pior inimigo que o automovel e olha-o com rancor, e odeia o rico que vai dentro, e, em raiva surda, anela a hora em que todos andem a pé... ou de automovel.

Se o automovel lhe corta o caminho, fulmina-o com olhares ameaçadores, se o salpica de lama, chega a sentir-se homicida, e, se é sobressaltado pela proximidade do inimigo, em risco de ser atropelado, então grita e insulta.

* * *

O que vai no automovel sente profundo desprezo pelo peão, troça das suas hesitações e deleita-se em o assustar, tocando repentinamente a buzina que faz saltar o surpreendido caminhante. Em dias de chuva, gosa salpicando o fato dos transeuntes e, ás vezes, vai até á crueldade de o derrubar com os guarda-lamas.

* * *

Mas, «se queres conhecer o peão, metê-lhe o automovel na mão».

E agora o verás! A simples posse do volante, ou dum lugar no automovel, implica a perda das anteriores idelias de peão enfurecido, passando a comungar nas dos automobilistas, que antes detestava. E o peão, sua anterior qualidade, passa a merecer-lhe soberano desprezo.

Outro tanto, inversamente, succederá ao possuidor de automovel que, por azar da má sorte, tenha que passar a andar a pé. Esquecerá rapidamente a que foi sua atitude ante o peão, do qual então perfilhará todas as indignações.

* * *

Este comentario acerca do peão e do automovel pode servir de exemplo para muitos outros casos semelhantes e merece ser meditado.

«Se queres conhecer o vilão, põe-lhe a vara na mão...»

Caveira dos Dentes d'Ouro

CARTA PARA UMA AMIGA

ou noticias de Lisboa e da civilização

Darling:

Recebi a tua carta, pedindo-me noticias de Lisboa. *La rentrée?* Sensacional. Quero dar-te noticias completas, mas falta-me o tempo. *Je suis pressée* e não posso escrever-te senão á *vol d'oiseau*. *Forgive me, please.*

Je t'embrasse.

Mary.

P. S. — Não posso deixar de te dizer que o *Salon da Voga* está famoso. *Very smart*. Desde os *mannequins habillés* por *Madame X*, *chapeautés* por *Monsieur Y* e *chaussés* pela *chassure Z*, oh, filha, que elegancia, que tom, que *chic*... Imagina que *Madame X* apresentou um *mannequin* de uma frescura de praia, com o vestido *décolleté* todo em *bleu-rot*, com uma cauda em *voile marocain*, genero *queuc de paon*. Irradiante, não calculas. As meias, em *soie brique*, eram *Marny*. Os *Hubigant*, os *Coty*, faziam na sala uma atmosfera embriagante. Que pena que não voltes a tempo de assistir...

Como as entradas são a favor da beneficencia, e é tão facil ter bom coração, tenho lá ido todas as tardes e todas as noites. *Charlestona-se* enormemente. Claro está, só ha gente de bem. Todas as raparigas das nossas relações *s'y donnent rendez-vous*. E os rapazes tambem. A proposito, parece-me que o *flirt* entre a Dulce e o Chico — lembras-te do Chico: o que se atirou a mim durante toda a epoca passada, na Figueira — vai longe. O pai deu-lhe um emprego no Banco, para que pudesse casar. Não sei quanto ganha ao certo. Mas deve ganhar bem, porque ele ainda ha pouco tinha uma ligação secreta com uma *danseuse* que estava no Estoril. A minha prima *Joaninha* varias vezes os foi encontrar *indealitando* a existencia. Eu, infelizmente, não conseguí nunca *caçá-los*. Mas, pelo que me dizem, perdi imenso.

Voltando ao *Salon*. Sabes quem lá vi uma noite destas? Não és capaz de imaginar... Vê se adivinhas... Não adivinhaste ainda? Pois bem, vou dizer-te. O marido da Tuca. Toda a gente estranhou que ele fôsse sózinho. E ela? A Tuca parece que últi-

amente está sofrendo muito de *migraines*. A avósinha diz que deve ser flato. O Vasconcelos e Sá diz nos jornais que é *migraine*. Eu cá, a dar credito aos *on dit* e aos *potins* da sociedade, penso que ela está mas é com saudades... d'alguem que abalou para longe. Deus me livre de garantir; mas oiha que tambem não punha as mãos no fogo por ela...

Eu acho que deves voltar á Lisboa a tempo de assistires aos *tea-dancing* da rua Barata Saigueiro. A Sociedade de Belas Artes, que punha sempre a Arte na rua, resolveu-se a trilhar um caminho oposto. O reino da *bota de elástico* passou. O modernismo da *Voga* tirou as telas d'aranha áquela gente toda. Respira-se civilização por todos os póros. *On y fume, on y danse, on y rit*... E ama-se tambem. Que seria a dança sem o amor? Uma coisa ridicula. Que seria o amor sem a dança? Uma coisa platónica. Não falo por mim, bem sabes, que me sinto *blassée*, depois de vinte e três *flirts* em dois anos. Agora penso a sério no casamento. Bem sabes, Darling, que tenho vinte anos, a situação financeira do papá está um pedaço atrapalhada, e a avósinha, com a sua paixão pelo meu irmão Manoel, tem-lhe metido tudo no papo. Mas o meu irmão está cada vez mais tineta. Agora *embeçou-se* por uma artista da companhia *Velasco*, uma espanhola cheia de impingens. Queres coisa mais *schoking*? Não sei a quem este rapaz salu assim tão doído e tão vulgar.

Adeus, filha. Desculpa-me os erros de ortografia que encontrares neste aranzel. Apesar disso, penso que te dei uma ideia palida, mas exacta, do que é o *Salon*. Esquecia-me dizer-te que, no meio de tanta coisa, tambem ha poesia... e trens de cosinha, completos. E agora, para terminar, uma novidade: a *Micas*, que no collegio — lembras-te? — era uma delambida, passando o tempo ora a rezar o terço, ora a ler *Julio Denis*... já fuma e traça a perna. Apareceu no *Salon* com um casaco d'arminho que deve ter custado uma fortuna... não se sabe a quem.

Au revoir. Je t'embrasse bien tendrement.

Mary.

Dissonancias...



—Esta musica de Debussy tem muita dissonancia, não achas?

—Acho, acho...

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

Renasce hoje esta secção, que nasceu no mesmo dia em que veio a luz o Sempre Fixe.

Ressuscita o Retroz Preto e com ele o dito de espirito — ou que o pretende ter — que se diz nos bastidores e nos chamados meios teatraes. Vivemos da blague, da graça. De tudo nos ritmos, de tudo fazemos pouquinho, como diria uma senhora das minhas relações. No teatro abunda a má-lingua e abunda também a tritiga. Desta, nem da outra, não nos ocupamos. Essas ficam para eles. Para nós, para o publico, só serve o comentário, talvez por vezes sangrento, mas sem intenções de ofender nem de ferir. Esse sim, fizemos e faremos de hoje em diante. Não maguaremos ninguém... Só tentonamos picar, ao de leve, com um alfinete!... Em quem? Nos artistas, nos emprezarios, nos dramaturgos, nos que vivem fóra e dentro do teatro e naqueles que se julgam amigos do primeiro actor... no que tem muita honra!...

Vamos começar!... Vai levantar novamente o pano!... Ouviram-se as três pancadas de Molière... a sala escurceu e o palco iluminou-se!... Vai representar-se a farça... a farça que é a Vida!...

■ ■ ■

COMEÇARAM as chuvas... e já ha frio! Iniciou-se a epoca de inverno nos teatros... e logo nas primeiras noites começou a gelar nas algibeiras dos emprezarios...

E ainda a procição vai no adro... Porque não vai o publico ao teatro?

Dou a palavra ao critico A. P.:

«Lembro a certos artistas e emprezarios a conveniencia de escolherem com mais criterio as peças, fazendo-as julgar, antes de serem representadas, por criaturas que, além do seu valor intelectual, tenham um bom senso pratico, comum, imagem exacta do que tem os espectadores.»

Na maioria dos casos... é isto o que acontece. As peças são mal escolhidas! Porquê? Não se sabe, nem é facil saber a razão! Todos tem culpa! A crise teatral não é grande... é espantosa!... O motivo? Não ha dinheiro. As peças são mal postas em scena, com mobiliario e decorações antigas e já gastas e vistas!... Não ha dinheiro!... Casa onde não ha pão...

O publico hoje é exigente!... Só não é exigente para pedir borlas aos amigos dos amigos dos emprezarios!... E quantos, indo de borla, ainda andam a dizer mal pelos corredores!...

Ha um remedio unico. Aqui o vamos dar e por ele havemos de lutar até ao fim: «Unam-se alguns dos que se julgam primetros, juntem-se companhias, formem-se conjuntos, desprezem-se vaidades... Sejam artistas e amem a sua arte. Não ha pequenos papéis. Ha trabalho e ha que fazer arte!... Para a frente... e depois...»

Vimos numa revista — lado a lado — o teatro e o cinema! Como se representava o cinema? Uma rapariga nova, bonita! E o teatro? Um velho, decrepito, alcachinado! A ideia do quadro: levantar o teatro, não o deixar morrer!

Pois bem! O velho devia ser um novo. O teatro ainda ha de remocer, ainda ha de ter novamente o seu dia de gloria! E' saber esperar!... O ci-

nema... deixem-no... ha de cair... por si...

■ ■ ■

A nova peça de V. de M. A. intitula-se «Um Bragança».

Lembro-me, agora, do que me contaram ha tempos...

O scenario: a redacção do Mundo. Personagens: os falecidos jornalistas José do Vale e Afonso de Bragança. Este havia entrado para a redacção dias antes. Escreveu qualquer artigo que o José do Vale não gostou e, como o nosso amigo Bourbon e Menezes tinha deixado de fazer parte da redacção, o José do Vale, no meio da discussão, disse:

— Foi-se embora um Bourbon e entrou um Bragança!... Ainda dizem que o Mundo é republicano!

■ ■ ■

ESTÁ em formação uma companhia de opereta, que mais parece um batallão ou talvez mesmo um regimento. Já tem 30 artistas contratados e dizem que não fica por ali!... Andam em busca dos desempregados... e, como ha muitos, eles lá vão todos a caminho do T. A.

Já lhe chamam o «Novo Albergue dos Artistas Dramaticos».

O que sairá daquillo tudo? Os artistas ficarão á gandaia... como andavam?

■ ■ ■

DIZEM que a E. S. vai para o T. da T., a seguir ao Carnaval! Antes de ir para o Rio de Janeiro, quer ver o Brasil no T. da T.! Talvez o emprezario J. L. tenha lá dentro uma

semente da arvore das patacas! X mãe E. andava á procura dum pai-sinho... e parece que o encontrou...

■ ■ ■

NOS meios teatraes dão-se alviçadas a quem encontrar um rapax, baixo, gordinho, quasi imberbe e que dava pelo nome de Amarelba. Sabia fazer bonecos e desenhava menos mal!... Onde estará?

■ ■ ■

FALTAM abrir dois teatros: o T. A. e o T. A. Com eles, ficam funcionando todas as casas de espectáculo de Lisboa. Não será muito? Nove teatros!... No final da epoca, feitas bem as contas... teremos nove-nada!

■ ■ ■

REGRESSA em breve o C. P. Vem cheio de França, da Belgica, da Alemanha e da Espanha!... Não sabemos se foi a Londres!... Talvez não, por causa da libra...

Regressa e regressa com estrondo! Diz-se que vai para um cinema... que pela primeira vez funcionará como teatro.

Diz-se também que vai trabalhar no T. N., ao lado do A. da C.

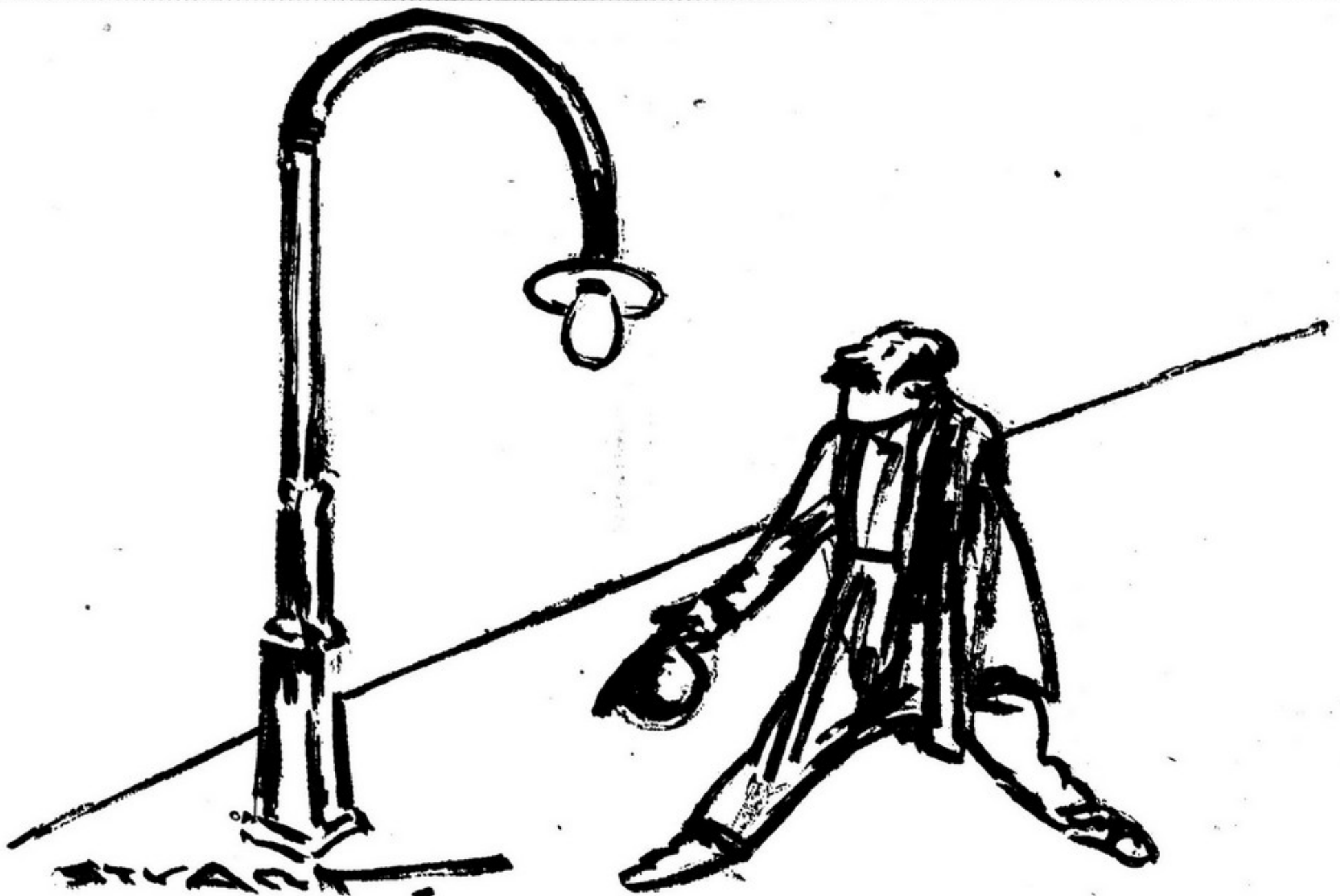
Diz-se ainda que volta ao Brasil fazer a ultima tournée...

Diz-se mais que organiza companhia para funcionar no E. T.

O C. P. pode bem com estes boatos!... O corpo alberga-lhe bem tudo quanto se quizer dizer!... Ainda fica pano para mangas!...

O Homem das 5 horas

FUME **SUNRIPE**



— Isto agora é outra loiça, até os candieiros cumprimentam a gente!

BOM HUMOR

No restaurant:
O freguês: — E' curioso! Cada dia as doses são mais pequenas!
O criado: — Deve ser erro de optica. Não vê que o restaurant aumentou as suas salas...

* * *

— Ouve, avósinho. E' verdade que não tens dentes?
— Não, não tenho.
— Então guarda-me este pacote de biscoitos...

* * *

Na redacção dum jornal:
O visitante: — No seu jornal diz-se que um desconhecido roubou cinco pontos de réis.
O redactor: — Sim, e depois?
O visitante: — Certamente, trata-se dum homónimo, porque eu não roubei nada!...

* * *

— Recebeste alguma carta de Pedro, depois da viagem que fez em automovel?
— Recebi.
— Onde vinham?
— A primeira do hospital; a segunda da cadeia...

* * *

Entre pintores:
— O que fazes aos «monos» que não vendes?
— Mando-os ao dr. Voronoff.

* * *

O repatriado: — Aqui onde me veem, sofri muito. Duas vezes foi condemnado a morte.
O amigo, patético: — Que horror! E não chegou a ser executado?...

* * *

Entre chauffeurs:
— A quantos á hora?
— Conforme! A's vezes não atropelo ninguém...

* * *

— O nosso casamento será como asucar: doce, gostoso...
— Sim, é o melhor para se dissolver facilmente...



— De que era o puré? De feijão ou de ervilhas?
— Não sei senão que sabia a puré.
— Ah! então era de feijão porque as ervilhas sabiam hoje a petroleo.



— Petra, explica-me a presença de um bombeiro na cozinha!
— E' que o patrão levantou-se de mau humor a dizer que hoje ardia aqui tudo.

VARIEDADES...

Opiniões sobre Adão e a mãe Eva

Na «Mãe Eva»... Stachino, revista em dois actos, original da gente do costume e na qual não colaboram Alves Lapin nem Raul Ferram, ha duas Evas: a Stachino, caprichosa e febril, e a Eva Beatriz Costa que, depois de tentar o Adão Maxado — segue pela revista fóra a tentar a gente com a sua mocidade.

O guarda-roupa da revista, que é formoso, cabe numa caixa de fosforos. Confesso: ainda não percebi porque se chama «roupa» a uma coisa que põe as mulheres nús...

Carlos Alves, 1 metro e 20 de altura, caricaturou o nosso distinto confrade Matos Sequeira, que tem 1 metro e 80.

Quer dizer: Carlos Alves fez um Matos Sequeira pequenino, um Matos Sequeira de trazer ao colo. Mas vai bem. Houve apenas erro na distribuição do papel.

A meu vêr, os autores estavam convencidos que o rapaz crescia até á premère...

A «Mãe Eva» agradeu-me com restrições. Tem musica agradável de Vasco Macedo e Hugo Vidal, scenarios curiosissimos de Sousa Mendes e piadas escusadas.

Eram para rir. Mas por mim... estou á espera que me façam cócegas...

Maria das Neves estilizou uma peixeira e etilizou a plateia com o seu sorriso.

Senti ganas de dizer-lhe:
— Esta noite, me emborracho...

Emilia Candelas vai bem na apoteose.

Quando a vejo com o braço estendido e a mão a fazer de concha, oiço a consciencia segredar-me:

— «Para estar assim tanto tempo é preciso ter muita ginastica...»

Gostei da Margarida Ferreira. Contudo, preferia vê-la só...

«Mais vale só que mal acompanhada...»

Armando Machado diz Mósstá... de Beaucaire.

O que vale é que Georges Botgen, para se vingar, fala, de ora em quando, brasileiro...

Maria Brazão, quando fala ou canta, não olha para quem com ela contrastena. Contra a scena é isto, na verdade...

Alvaro Pereira caracterizou-se a primor para a «influencia da trolha», que tem certo feitio de «Ganga».

Gostei de o vêr. Sobretudo... porque me fez esquecer a «Mulher de ninguém»...

Georges Botgen é um realizador muito apreciavel.

Com ele as massas... corais crescem como o spaghettí...

Quando vi em scena Raffles, Rocabole, o «Carocha» e Diogo Alves, lembrei-me de certos tradutores musicais. Porque apresenta uma revista sem numeros estrangeiros...

Hoc opus hic labor est...

Tem jus a palmas a «Mãe Eva». Eva Stachino, que é mãe... do bom gosto, merece muitas mais...

A' saída do teatro, lembrei-me de mandar para a secção mundana:

«A actriz Eva Stachino teve o seu «bom successo»...

Luiz Figueira.



— Simpático é ele, mas fuma uns cigarros tão ordinários...

Elevador da Gloria

Um soldado italiano e outro turco encontram-se, no Egipto.

— Os turcos — diz o primeiro — sempre foram um povo atrasado. Ainda agora numas escavações, em Roma, sabes o que encontraram?

— Que foi?
— Fios de cobre!
— E o que prova isso?
— Prova que foram os meus antepassados que inventaram o telegrafo.

Logo o turco:
— Isso não é para admirar! Sabes o que se descobriu ha pouco numas escavações que se estão fazendo em Stamboul?

— Não posso calcular!
— Nada!
— Nada?

— Tu não comprehendes que foram os meus avós que inventaram a T. S. F.

* * *

Um judeu chega ao Paraizo e pergunta ao Padre Eterno:

— Senhor! Que são para vós mil anos?

— Um minuto!
— E um milhão de libras?
— Um vintem!
— Senhor, dae-me um vintem!
— Espere um minuto...

* * *

João Pencudo cumpria, na cadeia, uma pena de dez anos. O director, bem impressionado com a sua disciplina e correção, admitiu-o na secretaria. O seu porte é tão irrepreensivel que, ao fim de dois-meses, passa-o á categoria de amanuense e, um ano depois, á de terceiro official.

— Tu és um dos melhores preses que aqui tenho! — diz-lhe o director. — Fazes tudo e bem.

— Bondades suas! Se me quizesse ajudar, dava-me um emprego para o qual estou ouro em fio, sr. director. — Diz, homem. Qual é?
— Calxeiro-viajante!...

* * *

Ching-Fun, passando em revista as tropas, dirige-se aos soldados:

— Como te chamas?
— Seio-Pelo.
— Matarás o teu inimigo?
— Sim, general!
— E tu, como te chamas?
— Chang-Yang.
— Matarás tambem o teu inimigo?
— Matarei dois, general.
Sun-Yat, que estava ao lado:
— Nesse caso, posso-me ir embora...



— Porque te foste pôr tão perto do trombone?
— Ora, porque aqui ha mais fresco.



— Ofereça-me alguma coisa, senhor, e assim quando fór velho poderá contar aos seus netos que o grande actor X. se deixou um dia convidar por um homem da sua insignificancia.

FUME SUNRIPE



O vale erguiçado

Ha vinte anos, existia em Colmbra um velho usurario chamado Pombar, estabelecido com uma loja que de loja apenas tinha o titulo, pois nada possuia nas prateleiras, servindo apenas para os seus negocios de usurario.

Os estudantes, tendo necessidade de dinheiro, iam ter com ele e, a trôco dum juro exorbitante, conseguiam que ele lho emprestasse. Um certo dia, um estudante chamado Pires recebeu da India um vale de 10\$00 e, como eram horas em que o correio ja estava fechado e no dia seguinte era domingo, dirigiu-se ele ao velho Pombar, contando-lhe a falta que o dinheiro lhe fazia nesse dia e pedindo que lhe descontasse o vale. Pombar anuiu mas com a condição de pagar de juros 2\$00. O Pires recebeu apenas 8\$00, deixando-lhe o vale assinado.

Passaram-se meses e, um dia, o Pombar foi encontrar o vale guardado numa gaveta. Tinha-se esquecido de o receber. Correu imediatamente ao correio mas lá disseram-lhe que ha muito tinha findado o prazo e que, para agora, receber os 10\$00, tinha de fazer uma reclamação ou mandar dizer para a India para vir outro aviso.

Pombar foi ter com o Pires e este lhe escreveu a familia para que o vale viesse, mas com a condição de que o velho usurario comprasse alumnos do liceu para o filho.

Entanto, veio outro vale dirigido ao Pires, que não deu pio e o recebeu gastando o dinheiro em seu proveito. Pombar cangiava-se a procurar-lhe discipulos, sem resultado, e, todas as vezes que se dirigia ao Pires, este, fleugmaticamente, respondia que os negocios dos seus pais iam muito mal, razão porque não mandavam dinheiro, e concluia invariavelmente com esta frase, na sua linguagem pitoresca:

— Gafanhotti comeu siara...

E tantas vezes deu igual resposta que uma vez Pombar, indo saber noticias do vale, ironicamente perguntou-lhe quantos discipulos lhe tinha já arranjado. Pombar perdeu o amor ao dinheiro, perdeu a cabeça e, rairoso, gritou, echando o negocio:

— Gafanhotti comeu minino...

O CHOURIÇO



— Oh! rapaz, previno-te que aquele senhor é que tem de pagar.



— Estas senhoras das lojas de modas são sempre as mesmas, avôsinho?
— Claro. Quem muda são os maridos e papás das freguezas.

AVENTURAS LISBOETAS...

Uma princeza da... Beira Alta

Eu esperava, nos Restauradores, um electrico para a Avenida da Republica.

Acercou-se da paragem uma mulher — vistosa, bonita mesmo, alta, com um porte de princeza, luxuosamente vestida. Admirei-a longamente. Ela notou e fitou-me demoradamente, com interesse.

Gostei — é natural...

Veio um carró fechado. Subimos ambos. Ela sentou-se lá á frente, num dos bancos longitudinais. Eu fiquei num dos assentos virados segundo o movimento do carro e devia, pois, vê-la de perfil. Mas via melhor do que isso porque, durante todo o caminho, ela quasi não tirou os olhos de mim.

Os passageiros mais proximos começaram a reparar. Houve sorrisos mal disfarçados. A mulher realmente era demasiadamente pouco habil.

E confesso que eu me sentia muito pouco com alma de D. Juan. Achava excessiva a insistencia — mais do que excessiva... estranha...

Mas todo o seu aspecto era dum senhor...

— Saldanha! Zona!

A mulher ergue-se. Apeia-se. E, já em terra, olha para o electrico como que a verificar se eu me apeio tambem.

Penso que serei duas vezes imbecil se não aproveitar um tão manifesto interesse. Salto do carro já em andamento.

A mulher dirige-se para a Avenida da Republica e começa a descê-la.

Está bem. Até me aproxima do meu ponto de destino. E, seguindo-a, a dez metros respeitosa, vou-lhe admirando melhor o porte de princeza, a *souplesse* — fantasiando outros detalhes intimos.



— Peço desculpa mas V. Ex.^a parece-se imenso com minha esposa!

— O que o sr. queria era duas bofetadas!

— Cada vez se parece mais...

A mulher olha para traz. Torna a olhar. Vou-me aproximando.

Torneja para a João Crisóstomo. Alcanço-a e começo a falar-lhe, usando do formulario habitual em casos tais.

Uma pergunta. Nada de resposta! Outra pergunta. Nada! Repito. Nada ainda!

Mudo de tactica. Torno-me lirico. E o primeiro quarteirão é passado com uma declaração fulgurante. O mutismo dela mantem-se.

Ao atravessar a 5 de Outubro, o meu optimismo está a ponto de ir a pique.

Encetamos o segundo quarteirão. A mulher olha-me de lado, com uma expressão que eu não sei se é de interesse se de duvida. Mas calada, sempre!

Começo a enervar-me.

— «Não comprehendia! Os olhos dela prometiam-me tanto! De resto, se eu lhe não interessava, que dissesse! Um *ndo!* bastava. E jurava não a importunar mais... e escusava de compromettê-la talvez...»

Nada! Sinto-me meio despeitado, meio irritado. Ha já uma asperesa nas minhas palavras.

No seu passo medido de princeza, a enigmatica criatura segue, sem manifestar a minima irritação, mas tambem sem abrir a bôca.

Não me contenho. Enuncio um protesto que é já um sarcasmo violento. A mulher pára. Olha-me bem de frente e, com uma acentuadissima pronuncia de Viseu, que jámais se irra extinguiu nos ouvidos, pergunta, muito séria:

— O senhor cuida que eu sou alguma palonxa?!

Os homens praticos

O filho do cofre forte

Não sabemos porque se atribuem sempre aos judeus todas as historias interesseiras e todos os ditos de avareza e de cupidéz. Existem numerosos cristãos capazes de comer as papas na cabeça ao mais agiota dos filhos de Israel.

José Maria — por exemplo — é um notavel comerciante que só renuncia a um fato depois de o ter virado duas vezes. Diz ele que enquanto uma face fica no fórrô e á sombra, recupera toda a frescura!

No ano passado, José Maria perdeu a mulher, pobre criatura sacrificada que não estrejou mais de duas *toilettes* novas em toda a vida — e que, do dote, nunca teve um centavo á sua disposição.

Ora, na vespera de morrer, e talvez movida por um sentimento de revolta e de desforra *in extremis*, disse ao marido que estava de pé, vendo os preços nas garrafas dos remedios:

— Ouve, José! Tenho uma coisa a confessar-te e não quero ir deste mundo sem ter libertado a minha consciencia.

— Que ha, então?

— Olha... O nosso filho Roberto não é... teu filho. Eu enganei-te, José!

José Maria deu um salto. Depois, olhou para a magra esposa, sorriu, encolheu os ombros e respondeu:

— Tu? Com a cara que Deus te deu! Não é possivel!

De facto, a esposa nunca deixara de ser, com o seu fisico ingrato, uma especie de remedio contra o amor.

— Mas é verdade! — insistia ela.

— Só se tu gastaste dinheiro...

— Gastei sim, José Maria. Lembra-te daquele escriptorario louro que tu tinhas ha onze anos? Luis se chamava ele. Pois foi ele o pai de Roberto. Tinha dificuldades de dinheiro. Eu dei-lhe duzentos mil réis.

— Duzentos mil réis! — berrou José Maria. — Mas tu nunca tiveste duzentos mil réis nas mãos! Onde os foste buscar?

— Tirei-t'os! Nma vez que tu deixaste o cofre aberto por esquecimento e te ausentaste durante dois minutos.

— Tiraste do meu cofre? Então para que vens com essa historia? Roberto é muito meu filho! Porque foi com o meu dinheiro que o arranjuste!...

MOSAICOS SOCIAL

A entrada de um THEATRO ou CINEMA é o primeiro ponto de contacto entre a empresa e o publico. A sua decoração deve apresentar um aspecto convidativo, luxuoso e alegre. Isso só se consegue empregando no pavimento, os nossos mosaicos de arcadas perfectas e cores inalteraveis.



LISBOA
TRAVESSA DO CORPOSANTO

FUME SUNRIPE



O que se diz e o que se não deve dizer

A protecção dos galgos desportivos

O sucesso dos desafios de domingo passado foi obtido pelo *Bom Sucesso*. Bateu o campeão de Lisboa por dois a zero, demonstrando que: *pequeno também ser gente...*

Para o *Sporting*, o acontecimento não foi um *bom sucesso* mas um *forceps...* e dos mais perigosos.

Nos outros *matches* correu tudo como estava previsto. E só o *Casa Pia* falhou ao naípe dos empates consecutivos, perdendo...

* * *

Vai haver no Grand Palais de Paris, a partir de 12 de Dezembro, uma exposição de sports — ou melhor: um *Salon de Sports*.

A primeira vista, parece idiota. Mas não é talvez tanto como parece...

Vão-se expôr objectos desportivos; objectos que se vendem e que se compram; *maillots*; sapatos; varas — tudo o que pode servir para bater *récords*.

E este *Salon Internacional* vai nos evidentemente fornecer a prova de que o desporto amador é uma quimera para os que não são ricos.

Haverá sob as vidraças do Grand Palais *stands* magestosos que expõem artigos de *sport* luxuosos.

Os garotos que correm, que jogam ao *foot-ball* — olharão essas maravilhas com olhos de crianças pobres diante das lojas de brinquedos para gente rica...

* * *

As corridas de cães estão destruindo, em Inglaterra, as corridas de cavalos e o *foot-ball*.

Uma liga moral cristã britânica resolveu interessar-se pela sorte dos *infelizes* cães que correm atrás duma lebre eléctrica e illusoria, para gozo dos *bípedes imorais*.

Temos que louvar esta iniciativa, destinada evidentemente a proteger o amadorismo, porque os galgos devem ser, sem contestação, classificados na categoria dos amadores puros. E aplaudimos o zelo dos legisladores e parlamentares ingleses que, cuidadosamente, estabeleceram, discuti-

O SPORTING FALECEU



Consequencias do bom sucesso do idem...

DR. MATHEUS DE OLIVEIRA MONTEIRO



Choquem, abairôem, despedacem-se... mas sempre Pela Direita!

ram e pesaram o texto duma lei protectora. Se os parlamentos do mundo se ocupassem da protecção dos cães, os povos seriam decerto mais felizes. Mas só pensam em proteger os homers e daí resulta uma serie de catastrophes para a desgraçada humanidade.

Quando os historiadores do futuro examinarem a nossa epoca, verificarão que no outono de 1928 nenhum problema era mais urgente que o de colocar entre os cães e os seus exploradores desportivos a justa barreira das leis.

Os legisladores britannicos não devem deter-se em tão bom caminho. Ha cães muito mais explorados do que os caçadores de lebres electricas. São os utilizados como guardas e como luxos. Ha os que são tiranizados por senhoras velhas que, á força de cuidados, lhes conseguem ferrar a diabetes e outras doenças...

E depois, restará aplicar aos homens as leis feitas para os cães.

O mundo terá dado um grande passo em frente na estrada do progresso...

* * *

Estranhámos, no ultimo numero, que o encontro Bemfica-Carcavelinhos tivesse decorrido tão tranquillamente — contra todas as tradições fundamentais.

Só agora se soube da razão de tanta paz no campo.

A desordem, desta vez, deu-se nos bastidores. Ha já um medico e dois directores da Associação demitidos!

A regra não podia falhar. Os desafios dos dois clubs estão evidentemente sob um sortilegio grande.

E os directores de ambos devem, quanto antes, ir á bruxa, para umas benzidelas...

Rebola-A-Bola.

FUME SUNRIPE

Quer a sorte grande? Habilita-se na tabacaria MADRID Rua do Mundo, 115

ECO DA SEMANA

CENTENARIO DE SHUBERT

SHUBERT, BASTANTE COMOVIDO ASSIS-
TE NO CON-
AS SUAS
A CADEIRA
SEM FUNDO
NO SALÃO.



SERVATORIO
NOMENAGENS
E 'DAQUELAS
QUE NALK'

ESTA' GRASSANDO A EPIDEMIA DOS
CONCERTOS SINFONICOIDES.

CADA ANO QUE PASSA AS ORQUESTRAS
MELHORAM DE TAL FORMA QUE NAO HA OUTRAS
NOMUNDO QUE LHE CANHEM. ESTA' MUITO
EM MODA 'OS STEPS TA ASSI' QUE E UMA ESPECIE
DE HINO-- NOS CINEMAS ESTA



DE LA
ADAPTA-SEA
SENAS NA SIBERIA
NA FLORIDA ETC DESDE QUE TENHA CARAVINAS

OS CANDIEIROS
DA BAIXA

PARECEM UMA
CARICATURA
DOS QUE ESTAO
NA AVENIDA I

VAI VENDER-SE O PALACIO DE **Monserate**

COLOMBO OU V. DA GAMA?
QUAL E' MAIS TESO? PREGUNTA GAGO COUTINHO

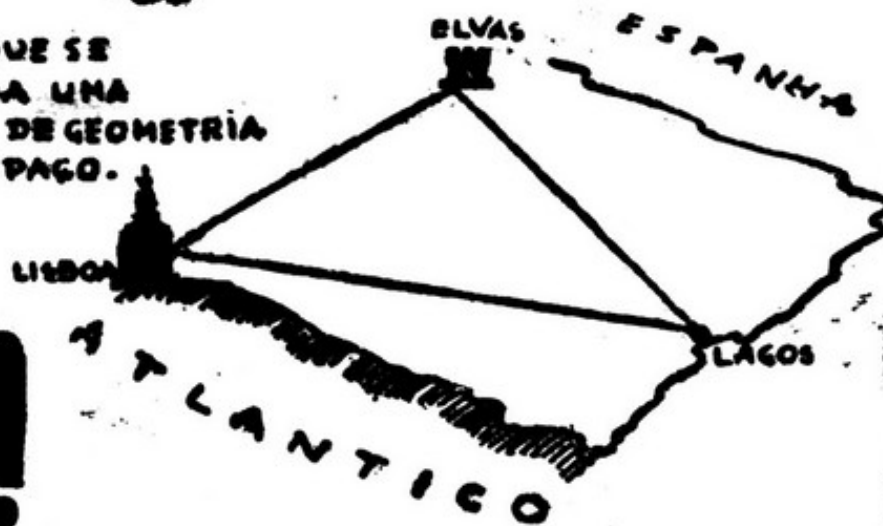


A VIAGEM AEREA
EM TRIANGULO



PECHINCHA. VENDE-
SE BARATINHO. TRA-
TA-SE NA REDACAO
DO 'SEMPRE FIZE'
PRECO MODICO.

E' O QUE SE
CHAMA UMA
AULA DE GEOMETRIA
NO ESPAGO.



ENTRE UM TESO QUE RESOLVE OS SEUS
PROBLEMAS COM OVOS E OUTRO QUE
OS RESOLVE COM BOMBARDAS QUAL
E' MAIS TESO? AQUITEM O ALHIRANTE UMA
PREGUNTA A QUE TODOS
SABEM RESPONDER.

PORTUGAL

ESTA' A 3 MEZES DA
EXPOSICAO DE SEVILHA...



... E NAO TEM HOTEIS PARA COMPORTAR OS
MILHARES DE AMERICANOS QUE DESEMBARCAM EM LISBOA.
E' UMA VERGONHA E E' DEITAR DINHEIRO-FORA.